Leituras De Formação - Noções De Vida Doméstica (1879): Félix Ferreira Traduzindo Madame Hippeau Para A Educação Das Mulheres Brasileiras.¹

Maria Helena Camara Bastos^{*1}

Tania Elisa Morales Garcia^{*2}

Resumo

Ao longo do século XIX, a educação da mulher merece atenção de diversos atores sociais, que enfatizam o seu importante papel social, por ter *multiplicado a soma de seus deveres a cumprir como filha, esposa, mãe e até como professora*. Nesse sentido, sua formação passa a ser amplamente discutida, visando prepará-la a desempenhar as funções a que estava destinada na sociedade, ou seja, *fazer de cada aluna uma verdadeira dona de casa*. Essa imagem modélica forjada pela *ilustração brasileira* foi dada pela disciplina *economia doméstica*, presente no currículo da Escola de Primeiras Letras desde a primeira lei de Instrução Pública Nacional, de 1827. Esse estudo pretende analisar o discurso fundador da economia doméstica no Brasil, privilegiando a análise do primeiro livro de leitura destinado à escola primária e, posteriormente, às aulas de sexo feminino do *Imperial Liceu de Artes e Ofícios* do Rio de Janeiro (1881).

Palavras-chaves: leituras de formação, economia doméstica, educação da mulher

Abstract

During XIX century , women education deserves attention from diverse social actors who emphasize their important social role for having multiplied their duties as daughters, wives , mothers and even as teachers . Therefore their formation starts being widely discussed , with the objective of preparing them to perform functions in the society , that is , *making of each student a real housewife* .This model image , forged by the *Brazilian intellectual elite* , was taught in the discipline *domestic economy* , part of the curriculum of *Escola de Primeiras Letras* since the first law for Public National Instruction of 1827. This study intends to analyze the discourse of domestic economy in Brazil , analyzing the first book destined to primary school and , afterward , to the female classes at *Imperial Liceu de Artes e Ofícios* in Rio de Janeiro (1881) .

Keywords : readings for formation, domestic economy, woman education

1 Integra a linha de pesquisa - Educação Brasileira e Cultura Escolar: análise de discursos e práticas educativas, e os projetos de pesquisa que procuram resgatar a história da Economia Doméstica no Brasil e no Rio Grande do Sul: GARCIA, Tania. Trajetória histórica: O Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal de Pelotas (1960-1997); GODOY, Leticia. Engenheiros educadores profissionalizando a mulher gaúcha: O Instituto de Economia Doméstica e Rural da Escola de Engenharia Livre de Porto Alegre/RS (1920- 1931)

*1 Doutora em História e Filosofia da Educação/USP; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO; Professora Titular em História da Educação - PPGEDU/UFRGS. E-mail: mbastos @ voyager. com. br

*2 Doutoranda do PPGEDU/UFRGS; Professora Assistente da UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS.

Introdução

Durante longo tempo, a sociedade ocidental refutou a igualdade de instrução para os dois sexos. A longa dominação da Igreja Católica sobre a instrução explica o privilegiamento da formação masculina, ou seja, dos futuros padres. Na Renascença, raros são os humanistas como J.L.Vives ou T. Morus, a defender uma educação igual para mulheres e homens. Um espírito liberal como Erasmo também duvidou do interesse de aprender o latim das meninas.

Angèle Mérici, e sua congregação das Ursulinas fundada em 1536, traçou, por três séculos, o programa comum de ensino para as mulheres: *“ler e escrever, trabalho em agulha e instrução religiosa”*, para formar as boas (futuras) mães cristãs, na falta de fazer piedosas noviças, cuja *instrução* tinha uma finalidade eminente endógena. Tanto Fénélon como a Marquesa de Maintenon não mudaram esta orientação, persuadidos que estavam que saber ler, escrever, costurar, cantar e rezar eram suficientes para a reprodução sócio-cultural.

No final do século XVIII, a geração revolucionária rompe com essa velha visão de mundo, pensando que *“se são as mulheres que fazem nossa infância, assim da nossa primeira educação dependerá sempre o nosso destino”*, escreveu Lakanal. Rousseau ao falar na educação de Sofia, no capítulo V de Emílio, inspira todo o século XIX laico: *“do seio das mulheres depende a primeira educação dos homens, das mulheres depende então os seus costumes, suas paixões, seus feitos, seus prazeres, sua felicidade. Assim toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens”*. Assim, promover uma formação destinada às futuras mulheres do mundo _ e não das futuras religiosas _, foi a meta proposta pelo movimento revolucionário.

Ao longo do século XIX, a educação da mulher continua a ser foco de intensos debates sobre a melhor educação a ser-lhes destinada, e uma meta a ser alcançada pelos liberais e anticlericais, como podemos verificar pelas iniciativas de prolongamento da escolaridade das mulheres _ a criação da Escola Normal Feminina (Sèvres,1881). No entanto, ainda predomina uma perspectiva de âmbito *privado* para a educação das mulheres, ou seja, sua formação destinava-se à melhor prepará-la para as atividades domésticas ou do lar. Carnot (1864) afirmava que *“a educação que melhor convém para as mulheres é a de mãe de família, e que a melhor escola para moças é a casa paterna”*.²

2 CHASSAGNE, S. L'Education des Jeunes Filles il y a cent ans. Paris: INRP, 1983. p.9-13.

Em 1859, Michelet edita *A Mulher*, um tratado sobre a mulher fundamentado na sociologia e na biologia, para justificar as diferenças existentes em relação com os homens. Realiza uma apologia da *ética republicana*, fundamentada no amor e na mulher. Para ele, “*a sociedade, procedente da família, será fundamentada no amor. Nela, as relações familiares refletirão as relações do cidadão com o Estado. A mulher torna-se a pedra de toque de todo o sistema: educa a criança, forma o homem; suas relações com este são o espelho da sociedade*”. Esta obra, ao contrário de ser uma idealização da mulher é “*uma recusa de conceder-lhe o status de ser humano. Sua função é glorificar o homem. Se não deve trabalhar, é evidentemente para ser mãe. Ao recusar a produção competitiva, a mulher diviniza o trabalho do outro que se sacrifica por sua deusa. Na verdade, se a mulher é uma religião, é porque o homem é Deus Pai*”.³ Essa obra, como uma entre outras tantas, serve para exemplificar as preocupações deste momento histórico em relação à mulher e que irão influenciar toda uma geração.

Nessa perspectiva, situa-se a obra e a ação de Madame Eugéne Hippeau⁴, que edita a obra *Cours d'Economie Domestique* (1869)⁵, resultado das lições ministradas nos cursos da *Association pour l'enseignement secondaire des jeunes filles*, em Paris, do final do século XVIII os anos de 1867. 1868 e 1869. Para Mme. Hippeau, o ensino de *Economia Doméstica* é uma inovação integrada ao programa dos cursos científicos e literários instituídos para a educação da mulher. Considera que, apesar de sua utilidade ser geralmente reconhecida, não há um acordo sobre as matérias que o embasam, o objetivo a que se propõe, os limites em que está circunscrito. Assim, afirma que o estudo da disciplina é a *arte de dirigir de maneira econômica e regular as coisas da casa, (...) são todos os deveres relativos ao interior da casa, à família e ao mundo, (...) é fortalecer a educação moral elevando assim o nível da inteligência da mulher*”. Dessa forma, seu livro deveria ser completo como um tratado de educação, mais elevado e interessante que um livro sobre o lar. Mas, também, esse

3 MOREAU, Thérèse. “A Bela e a Fera”. In: MICHELET, J. *A Mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.XIX., XLIII.

4 Não foi possível encontrar um biografia ou obra sobre as atividades de Mme Hippeau. Como esposa de Célestin Hippeau, encontramos algumas referências sobre a sua pessoa. Assim no Dictionnaire de Biographie Française, consta que, a partir de 1867, ocupou-se com o marido do estabelecimento de cursos secundários para mulheres, em Paris. Publicou,além desta obra, *Mères et nourrices, organisation des sociétés protectrices de l'enfance* (1875). Na contra-capa do livro *Cours d'économie domestique* consta que está em preparação do mesmo autor as obras: *Cours d'hygiene, à l'usage des cours de l'enseignement secondaire des jeunes filles* e *Notions de Droit Usuel, à l'usage des cours de l'enseignement secondaire des jeunes filles*. PREVOST, M. (dir) *Dictionnaire de Biographie Française*. Paris: Libraire Letouzey et Ané, 1986. p. 1221.

5 HIPPEAU, Eugénie. *Cours D'Économie Domestique*. Paris: Bibliothèque D'Éducation et de Récréation/ J. Hetzel et Cie, 1869.

manual deveria ser útil às escolas que ministram esta disciplina, para as mulheres conhecerem os conteúdos de sua formação numa *forma científica*.⁶ Para alcançar seus objetivos, busca na literatura - Mme. Sévigné, Mme. de Maitenon, Fénelon, Molière, Mme. Campan e Necker de Saussure, Benjamin Constant, exemplos que lhe permitissem alcançar plenamente os objetivos de instruir a mulher: *a arte de melhor empregar o tempo, a inteligência e o dinheiro; (...) a moral, como a moderação de justiça e caridade, as instruções religiosas*.

No Brasil, ao longo do século XIX, a educação da mulher merece atenção de diversos atores sociais⁷, os quais enfatizam o seu importante papel social face as mudanças ocorrida - "*multiplicada a soma de seus deveres a cumprir como filha, esposa, mãe e até como professora; por isso, é que também a sociedade moderna compreendeu a necessidade de prepará-la com estudos sérios e mais profundos para preencher dignamente a sua nobre missão*".

A partir de 1874, Almeida de Oliveira, Manoel Francisco Correia, Teixeira de Macedo, e depois, Félix Ferreira reivindicam o aproveitamento da mulher no magistério elementar. Sobre todos eles parece ter influido a obra de Célestin Hippeau⁸ sobre a *Instrução Pública nos Estados Unidos*,

6 Cours d'économie domestique, de Mme Hippeau, consta de um Prefácio seguido de doze lições (319 páginas), assim apresentadas: 1- definição de l'économie domestique; principes d'éducation pour le gouvernement de la maison et de la famille; Fénelon; Mme Capman; Mme d'Agoult; Mme de Maintenon; les vraies et les fausses savantes. 2- emploi et distribution du temps; régularité; perfectionnement moral; Plan de la vie imaginé par Franklin; Socrate et Xénophon. 3- Conditions de l'ordre et de la régularité; conséquences nécessaires d'un sage emploi du temps; une lettre de Marie-Thérèse d'Autriche; le ménage athénien; mettre toute chose à sa place; faire tout à propos. 4 - prévoyance; nécessité de diriger l'éducation en vue de l'avenir; développement physique et moral; habitude de l'observation et de la réflexion; la prévoyance dans la nature. 5- l'intelligence dans la maison; choix et disposition de l'habitation; hygiène; ameublement; approvisionnements; choix et direction des domestiques. 6- l'intelligence dans la famille; les pères et les enfants; la jeune fille dans ses rapports avec les différents membres de la famille; la femme dans le mariage; la mère institutrice. 7- l'intelligence dans les affaires; rôle de la femme à la campagne, dans les exploitations agricoles, les établissements industriels; le commerce, les beaux-arts et l'enseignement. 8- l'intelligence dans le monde; les devoirs de la société; les salons; la conversation; la musique et les arts d'agrément; les dîners; les bals; la véritable femme du monde. 9- la question d'argent; l'éducation utilitaire; le travail et la richesse; le gouvernement de la maison au point de vue économique; le ménage de Critobule; budget des recettes et des dépenses; comptabilité. 10- emploi d'argent; dépenses nécessaires; dépenses inutiles; le mobilier; la toilette; les tentations; maximes économique; théorie de l'épargne; les vraies ménagères. 11- le luxe; ce qu'on doit entendre par ce mot; progrès du luxe; les dépenses d'ostentation; les fortunes rapides; les parvenus; les manies dispendieuses; conseil aux mères et aux maîtresses de maison. 12- usage de la fortune; la charité; les associations de bienfaisance; les asiles pour la vieillesse; les écoles; résumé et conclusion du cours d'économie domestique. HIPPEAU, E. Cours d'économie domestique. Paris: J. Hetzel et Cie, 1869.

7 Por exemplo: Dr. José Lino Coutinho com Cartas sobre a Educação de Cora (1832, publicado em 1849); Nísia Floresta com Conselhos à minha filha (1842), Opúsculo Humanitário (1853); Tito Lívio de Castro com A Mulher e a Sociogenia (1893).

8 É provável que a obra de Madame Hippeau tenha chegado ao Brasil através das obras de seu marido, bastante conhecido por ter publicado vários livros sobre a Instrução Pública de vários países, tendo sido traduzido por ordem do Governo Imperial, em 1871, a obra relativa à Instrução Pública nos EUA.

em 1871, e as de Paul Bert, que desde 1874 defendia a educação da mulher na Assembléia Legislativa Francesa.⁹ No entanto, a maioria das vozes que reclamam a educação da mulher, ainda o fazem restrita à preparação para o lar, criação dos filhos e maior brilho social.

Em torno da questão da educação feminina, Joaquim Teixeira de Macedo faz significativas ponderações que retratam fielmente as limitadas perspectivas da quase totalidade dos seus defensores: “*nos nossos dias, a imensa influência que os filósofos, os pedagogos e os estadistas atribuem à educação da mulher é tão conhecida (...). Infelizmente muitos querem confundir a verdadeira educação com a intitulada emancipação da mulher, idéia extravagante que de nossas mães, esposas e filhas faria entes híbridos, fatais a si mesmos e às nações constituídas, se tal idéia viesse a se realizar nas proporções admitidas por esses transformadores.*” Macedo propunha para as jovens brasileiras uma educação que “*não lhes roubasse todas as suas graças e que as tornasse ainda mais fulgurantes no desempenho da nova missão que os homens lhe destinavam.*”¹⁰ Objetivava confiar à mulher não apenas a formação dos filhos mas também a educação da infância nas escolas, tarefa que, para ele, *os homens usurparam*, mas que *de direito e por natureza devia ter-lhe sempre pertencido*.

Nesse sentido, a formação da mulher visava prepará-la para o desempenho das funções a que estava destinada na sociedade, ou seja, *fazer de cada aluna uma verdadeira dona de casa*. Esta imagem modélica forjada pela *ilustração brasileira* seria dada pela economia doméstica.

A disciplina *economia doméstica* está presente no currículo da Escola de Primeiras Letras desde a implantação da primeira lei para a Instrução Pública Nacional, de 15 de outubro de 1827, que determinava o ensino “*também das prendas que servem à economia doméstica*”, compreendendo conhecimentos elementares de trabalhos de agulha - bordado e costura, e música. Posteriormente, ampliam-se os conhecimentos da disciplina, passa a envolver, também, outra gama de assuntos - cozinha, manutenção da roupa, cuidados com a limpeza da casa e do jardim, higiene.

Em 21 de julho de 1880, é autorizado pelo Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária a adoção do livro *Noções de Vida Doméstica e Noções da Vida Prática*, de F. Ferreira nas escolas públicas primárias do Município da Côrte.¹¹ Assim, o presente estudo pretende

9 COLLICHIO, Therezinha A. F. A contribuição de Joaquim Teixeira de Macedo para o pensamento pedagógico brasileiro. São Paulo: FEUSP, 1976. (Dissertação de Mestrado) p. 101.

10 HAIDAR, M. de Lourdes. O Ensino Secundário no Império Brasileiro. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1972. p. 244-45.

11 ARQUIVO da Cidade do Rio de Janeiro. Instrução Primária - Compêndios Escolares e Obras Didáticas 1872/1889 (11.4-5)

analisar, como discurso fundador da economia doméstica no Brasil, o primeiro livro de leitura - *Noções de Vida Doméstica*, destinado à escola primária e, posteriormente, às aulas de sexo feminino do *Imperial Liceu de Artes e Ofícios* do Rio de Janeiro, inauguradas em 1881, e no curso noturno gratuito para o sexo feminino instalado no *Colégio D. Pedro II*, por iniciativa de José Manoel Garcia.

Discurso fundador, para Orlandi, é o que instala as condições de formação de outros discursos. São enunciados que ecoam e reverberam efeitos de nossa história em nosso dia-a-dia, em nossa reconstrução cotidiana de nossos laços sociais, em nossa identidade histórica. Trata-se de pensar como os diferentes processos discursivos se relacionam, como atuam na perpetuação e cristalização de determinados sentidos em detrimento de outros. Ou seja, processos discursivos que tecem e homogeneizam a memória de uma época. O que interessa é a historicidade dos processos discursivos.¹² Nessa perspectiva, pretende-se analisar os saberes privilegiados para a formação das futuras donas-de-casa _ meninas das classes populares, que orientaram a educação das mulheres e se perpetuaram em outras propostas de educação doméstica.

A Disciplina Economia Doméstica

Campagne conceitua economia doméstica como uma *ciência*, ou, uma vez que tem em vista mais especialmente a instrução primária, como *ensino*, dirigido aos alunos _ futuros chefes de família _ a organizarem convenientemente a casa, de modo que nela reine a ordem, a limpeza, a higiene, o bom gosto, não fazendo despesas inúteis, contentando-se com o que houver, e tirando o melhor proveito possível dos recursos de que disponha. Nesta conceituação, a ênfase do ensino recai na educação doméstica dos meninos. Adiante o autor afirma ser nas escolas de meninas mais necessário introduzir esse ensino, sem que, todavia, deixe de ter também o seu lugar na escola de meninos.¹³

Para Buisson, a economia doméstica compartilha com a higiene e a medicina o privilégio de ser considerada tanto uma *ciência* como uma *arte*: *"vasto conhecimento que exige, a elevação dos fins a que se propõem, sua participação à felicidade da humanidade tende, em efeito, promovê-las às ciências. De fato, as artes e várias ciências são necessárias para estabelecer os princípios fundamentais de cada uma delas. Para realizar a organização da casa, ou a conservação da saúde, ou a cura das doenças, é*

12 ORLANDI, Eni P. (org) *Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 1993. p.11 a 27.

13 CAMPAGNE. *Dicionário Universal de Educação*. Porto: Lugan e Genelioux. p. 786-87.

necessária a contribuição das ciências matemáticas, físicas, químicas, naturais".¹⁴

Na escola, as prendas domésticas podem ser ensinadas desde a escola primária, como disciplina do currículo, como classe anexa à escola, ou como escola especial, distinta de todas as outras, destinada somente à educação doméstica. Deveria compreender desde conhecimentos elementares de trabalhos de agulha até os de economia doméstica _ cozinha, manutenção da roupa, cuidados com a limpeza da casa, do jardim e do galinheiro, são temas recomendados. O ensino desses conteúdos deveria contribuir para uma reforma moral, propagando o gosto pela ordem, pela higiene, considerada uma manifestação do sentimento de dignidade. Assim sendo, a disciplina deveria ser de interesse de todos, mas, principalmente, destinada à educação das classes populares.

*Os trabalhos manuais comportam uma dimensão moral: inspiram as meninas/moças ao amor à ordem, permitem adquirir as qualidades sérias de uma dona-de-casa e criam mecanismos para colocá-la em guarda contra os gostos frívolos e perigosos. Em síntese, para cada classe, os valores apropriados: para as meninas das classes populares, a única arte indispensável para toda mulher honesta, mãe de família, é a arte de confeccionar e remendar as roupas.*¹⁵

A educação feminina no Brasil esteve relegada a um segundo plano até a segunda metade do século XIX, oferecendo somente a instrução primária. Por exemplo: em 1820 havia apenas 20 escolas femininas em todo o país e, em 1873 contavam-se 170, só na província de São Paulo.¹⁶ A instalação da Escola Normal na Côrte, em 1880, amplia a educação da mulher para o ensino secundário.¹⁷

Villela, no estudo *A Inferiorização da Mulher e a dosagem do saber escolar: uma visão de cidadania no Brasil Imperial*, destaca a diferenciação existente no currículo das escolas primárias: *"enquanto as meninas aprendiam a ler, escrever, as quatro operações, a rezar, a bordar e os demais "mistérios do lar", os meninos tinham um currículo mais consistente em que aprendiam inclusive decimais e proporções. As razões desta diferenciação transpareciam, por exemplo, na fala do Marquês de*

14 BUISSON, F. Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire. Paris: Hachette et Cie, 1911. p. 516.

15 CHASSAGNE, S. op. cit. p.58

16 WEREBE, Maria José G. 30 Anos Depois. Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil. São Paulo: Ática, 1994. p. 34.

17 HAIDAR, no Mapa das matrículas de instrução primária nos Estabelecimentos particulares para o sexo feminino do Rio de Janeiro (1866), assinala que de 2.355 matrículas, 1959 eram relativas à instrução primária e 777 à instrução secundária. Do total, 654 estavam matriculadas em piano ou dança e 736 em francês, disciplinas com maior número de matrículas. HAIDAR, M. de L. op. cit. p.236-237.

*Caravelas, em que afirma que as meninas não deveriam aprender tais coisas, pois que “o seu raciocínio é inferior aos dos meninos”.*¹⁸ Assim, o currículo diferenciava o sexo: para as meninas *costura simples, trabalhos de agulha*; para os meninos *prática manual de ofícios*.¹⁹

Almeida afirma que *“apesar dos espaços abertos na nova sociedade urbanizada que emergia no cenário nacional, mais notadamente nos grandes centros, sendo o principal deles o Rio de Janeiro, capital do país no Império e na República, para a mulher, o mundo da casa continuava sendo seu local por excelência. Alçada à categoria de rainha do lar graças aos positivistas e higienistas, deveria dedicar-se integralmente à família e aos cuidados domésticos. O trabalho para as mulheres da classe média e dominante era permitido e aceito somente em casos excepcionais e necessidade extrema, como viuvez ou falência financeira”.*²⁰

Noções De Vida Doméstica (1879): Félix Ferreira Traduzindo Madame Hippeau Para A Educação Das Mulheres Brasileiras

Segundo o Dicionário Bibliográfico Brasileiro²¹, Felix Ferreira (1841-1898) foi funcionário da Biblioteca Nacional, dedicou-se às letras e ao jornalismo, colaborou na revista *Cruzeiro do Brasil* (1877), órgão do Instituto Católico, na *Imprensa Industrial*, e publicou a revista *Sciencia para o povo* (1880-81). Também atuou no comércio de livros. De suas obras consta: *Método Popular da Língua Francesa* (1879), baseado nos princípios de Alan e Graesser; *Noções de Vida Prática* (1879); *Do Ensino Profissional - O Lyceu de Artes e Ofícios* (1876); *A Educação da Mulher* (1881)²²; *Notas Bibliográficas. A Exposição de História do Brasil* (1882); *O Colégio Menezes Vieira na exposição Pedagógica do Rio de Janeiro* (1885); *O Instituto Abílio. Método, colégio e compêndios, notícias e apreciações. Parecer sobre os objetos apresentados na exposição escolar em 1888* (1889); *A Santa Casa da Misericórdia Fluminense* (1894-98). No Guia para

18 VILLELA, Heloísa. A inferiorização da mulher e a dosagem do saber escolar: uma visão de cidadania no Brasil Imperial. In: Congresso em Livro. *Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970*. Lisboa, 23 a 26 de janeiro de 1996.

19 Na França, a lei de março de 1882, estabelece a distinção oficial entre meninos e meninas, a que opõe o futuro soldado à futura dona de casa: para os rapazes os exercícios militares, para as moças os trabalhos de agulha. BUISSON, F. op. cit. p 517

20 ALMEIDA, Jane. Vestígios para uma interpretação do magistério feminino em Portugal e Brasil. IN: Souza, R. e outras. *O Legado Educacional do século XIX*. Araraquara: UNESP, 1998. p. 151.

21 BLAKE, A. Sarmiento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. p. 332.

22 *A Educação da Mulher* é uma edição comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino no Imperial Liceu de Artes e Ofícios. Consta de notas coligadas de vários autores exaltando a mulher, a necessidade de sua educação, seu valor no lar e na sociedade. São 32 excertos de autores, tais como: Fenelon, Mme. Bernier, Abade Fleury, Mme. Sirey, Samuel Smiles, Mme. Hippeau,.

os visitantes da Exposição Pedagógica de 1883²³, consta como expositor individual e autor de diversas obras; além das citadas, constam: *Cartilha Infantil. Simples método de leitura; Pequena Physiologia Popular (extraída de Physiologia e Hygiene de Dalton, professor de Nova York)*. O autor parece ter participado de instituições com finalidades educativas, tais como a Sociedade Amante da Instrução, à qual dedica a obra *Noções de Vida Doméstica*, com as palavras “*testemunho de muita simpatia e admiração*”; a Sociedade Propagadora das Belas Artes, à qual dedica a obra *Noções de Vida Prática*²⁴; o Liceu de Artes e Ofícios; o Pedagogium.

A obra *Noções de Vida Doméstica*, conforme consta na capa²⁵, é uma adaptação, com acréscimos, do original francês homônimo da Madame Eugéne Hippéau - *Cours de l'économie domestique (1869)*. O autor refere-se que “*a leitura de tão interessante trabalho despertou-nos, desde logo, a idéia de vertê-lo para o nosso idioma, e, posto que bem mal o fizemos, suprimindo certos trechos, ampliando outros e introduzindo novas espécies (...)* Este livro é uma adaptação, de acordo com os nossos usos e costumes, à educação do sexo feminino”. As modificações introduzidas na obra original consistiram em a) inclusão de dois capítulos novos, um consagrado à Higiene, extraído da obra *Lectures sur les sciences, les arts et l'industrie*, de Garrigues e Monvel; inclusão de outro com biografias de senhoras notáveis, com a presença de representantes brasileiras; b) substituição das instituições de caridade francesas por nacionais; c) inclusão, no capítulo que se refere aos criados, de informações sobre a lei de abolição do elemento servil; d) anexação, aos nomes ilustres citados pela autora, de dados biográficos; e) ampliação dos exemplos de caráter, retirados da obra de Samuel Smiles²⁶ - *Self Help*, e do Padre Razzi - *Livre de lá Charité*.

23 Exposição Pedagógica. Guia dos Visitantes. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883. p.87

24 *Noções de Vida Prática (1879)* é editado após *Noções de Vida Doméstica*, e considerado, pelo autor, irmão congênito deste. Destinava-se a servir de livro de leitura nas escolas primárias masculinas, abordando “princípios e generalidades das ciências: astronomia, física, química, botânica, mineralogia, zoologia”. Nesta perspectiva, cada capítulo trata de um tema: o céu, o ar, a luz, o fogo, a água, a terra, as pedras, os metais, as plantas, os animais, o homem, a saúde. A obra é resultado de várias leituras realizadas pelo autor e que serviram de base para sua elaboração. Cita, por exemplo, Garrigues, Monvel, Brewer, Moigno, Gastineau, Menard, Larousse, Smiles. O objetivo desta obra é levar o aluno ao “conhecimento das coisas pela prática ou familiaridade dos objetos; uma espécie de sistema americano mas sem figuras”.

25 O exemplar analisado é de número 95, com assinatura do autor, conforme a norma da época, que determinava que “nenhum exemplar desta obra pode correr no mercado sem a assinatura de próprio punho do autor”. Este exemplar tem uma dedicatória em que o tradutor se apresenta como co-autor. A editora é Dias da Silva Júnior Typographo e Editor. Typographia Carioca, tem 244 páginas, vendido ao preço de 2\$500.

26 Samuel Smiles (1812-1904) teve vários livros traduzido no Brasil: *Economia doméstica ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1880. 397pp; *O Poder da Vontade ou Caráter, comportamento e perseverança*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870.433pp; *O Caráter*. Rio de Janeiro: Garnier, 474pp; *O Dever*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884; *Vida e Trabalho*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1902.

O Guia para os Visitantes da Exposição Pedagógica de 1883 se refere sobre o livro *Noções de Vida Doméstica* como o “único livro em seu gênero que possui a nossa instrução, e o primeiro que apareceu em língua portuguesa”. Em 1889, José P. de Almeida, na obra *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*, afirma que a mesma foi imitada da obra de Mme. Hippeau, mas ressalta ser “um livro excelente e não temos nenhum outro, dedicado exclusivamente à educação das meninas”.²⁷

Essa tradução é dedicada à Sociedade Amante da Instrução (1831)²⁸, como “testemunho de muita simpatia e de muita admiração”. Essa Sociedade mantinha uma escola para orfãs desvalidas, que recebiam formação para serem *perfeitas donas de casa*. Uma epígrafe do Padre Razzi, retirada do *Livro da Caridade*, enfatiza a finalidade dessa instituição: “filha da caridade, fonte principal de todas as virtudes e de todas as boas obras”, ao mesmo tempo que legitima a iniciativa do tradutor-autor, multiplicando as vozes no texto.

Na apresentação, dirigida aos leitores, o tradutor-autor justifica o porquê da publicação dessa obra: há muitos anos estudando o estado da nossa instrução pública, chega à conclusão de que “a primeira e a mais urgente de todas as reformas nesse ramo de serviço público é a dos compêndios. O livro é a luz das escolas e para que essa luz bem ilumine e espante as trevas da ignorância cumpre que seja pura e brilhante. Não é com histórias fantásticas que se forma o espírito de um homem, de um futuro cidadão, de um membro útil à sociedade; nem com contos milagrosos e historietas de fadas que se educa a mulher que tem de ser mãe, que tem que ser companheira inseparável do Homem, que tem enfim de desempenhar essa dupla e grandiosa missão na terra. Os nossos compêndios de instrução popular, sob este ponto de vista, são na maioria péssimos. Não temos livros de leitura apropriados à educação dos filhos do povo, nem para meninos, nem para meninas”. Assim, para colaborar com a educação brasileira e, especialmente, com o Imperial Liceu de Artes e Ofícios, que o autor empreendeu a organização de “uns exercícios de leitura para as suas aulas primárias”. Para ele, o liceu era a *escola do povo, a útil oficina das inteligências modestas*, as quais precisavam ser disciplinadas e educadas. O curso destinado às mulheres tinha um currículo fixo, distribuído em quatro séries anuais: 1º - desenho elementar, português, caligrafia, aritmética, música rudimentar, ginástica; 2º - desenho de sólidos geométricos, português, noções de literatura, geometria, geografia e

27 ALMEIDA, José P. de. *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. Brasília: INEP, São Paulo: PUC, 1989. p. 160.

28 Sobre a Sociedade Amante da Instrução, consultar: ALMEIDA, J.P. de. *A História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. p. 211-12;

cosmografia, francês, música e solfejo, ginástica; 3º- desenho de ornatos, cópia de estampa, francês, história pátria, física e química, solfejo e canto, ginástica, trabalhos de costura; 4º- desenho de ornatos (cópia de gesso), italiano, higiene doméstica, botânica e zoologia, ginástica e trabalhos de agulha.

Em outra obra - *Educação da Mulher*, Ferreira também expressa essa sua bandeira de luta: “*instrução à mulher, instrução às classes operárias, sejam, portanto, o mote da signa gloriosa hasteada nos arraiais da nova legião - a legião dos homens do futuro*”.

No discurso dirigido às alunas do Liceu de Artes e Ofícios²⁹, também apresenta suas idéias sobre a educação destinada à mulher: “*não basta saber ler e escrever, para a vida precisamos de muitos outros conhecimentos. O italiano para a música, o francês para o romance e o crochê para o passatempo não são ainda bastantes para que a moça se julgue perfeitamente educada. As prendas de salão realçam os dotes naturais, mas não constituem uma verdadeira dona de casa. Cumpre, por isso mesmo, reunir desde cedo a soma de conhecimentos para saber governar bem uma casa, pois é da boa ordem e da paz doméstica que depende a felicidade do casal. Ides aprender belas-artes e as belas-artes serão prendas, se vierdes a ser abastadas; serão, porém, profissões, se precisardes um dia ganhar para o próprio sustento ou auxiliar os minguados recursos do casal. Assim, pois, adquirireis a um tempo um capital e um adorno. Essa educação seria a aurora da independência da mulher brasileira. No entanto, essa liberdade não significaria “*ir contra as leis da sociedade, ser doutora, nem literata, nem livre-pensadora*”, mas “*ter prendas, ter dotes de espírito e de coração, é ter inteligência culta, discernimento claro*”, Nessa perspectiva masculina, a educação das mulheres deveria restringir-se exclusivamente ao aprendizado de ser mãe de família e dona de casa competente, de forma científica e racional _ função que, por si só, já era considerada uma nobre missão.³⁰*

Noções de Vida Doméstica, já no primeiro capítulo, preocupa-se em informar à leitora sobre a *definição* de economia doméstica, entendida como “*uma ciência, que toda mulher, qualquer que seja a condição e fortuna, deve conhecer, estudando-a com maior aplicação; (...) arte de dirigir e regular economicamente coisas de casa; arte de bem empregar o tempo, a inteligência e o dinheiro*”. A importância desta *ciência/arte* é destacada por

29 FERREIRA, Félix. O Liceu de Artes e Ofícios e as aulas de desenho para o sexo feminino. Rio de Janeiro: Ty. Hildebrant, 1881. p. 9.

30 OLIVEIRA, Suelly T. de. Racionalizando a maternidade e o saber-fazer doméstico: Programa de Economia Doméstica e Puericultura da Escola Profissional Feminina de São Paulo, de 1929. In: GONDRA, J. (org). Pesquisa Histórica: Retratos da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p. 49-52.

uma analogia significativa: “a Economia Doméstica está para o governo da família como a Economia Política está para o governo da Nação”. Ou seja, a disciplina deveria focar os elementos que contribuísem para a arte de governar a casa e a família, os quais permitiriam que “*uma moça habituada desde a tenra idade a boa ordem e a limpeza, conservará em toda a parte estes hábitos e nunca poderá suportar o desasseio e a desordem. Tanto na cidade quanto na roça, com esses hábitos saberá apreciar as doçuras da vida doméstica e preservar-se dos defeitos*”.

No capítulo *As falsas e verdadeiras instruídas* _ Ferreira faz uma adendo à obra original, chamando atenção para a ausência de mulheres instruídas em atividades filantrópicas, ressaltando que no Rio de Janeiro, “*há cidadãos nossos, homens instruídos, artistas notáveis, estudantes distintos que consagram algumas horas da noite a lecionar gratuitamente no Liceu de Artes e Ofícios, nas aulas da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, no Liceu Literário Português e outras instituições semelhantes. E por que não hão de as filhas-família, as esposas e mães ricas, consagrar também algumas horas em idênticos estabelecimentos do sexo feminino. Não estão aí a Sociedade Amante da Instrução e o Asilo Santa Tereza pedindo também auxílio. Exercerei a caridade ensinando os ignorantes. Na ordem social é a falta de educação que produz essa grande cópia de vagabundos*”.

O segundo capítulo dedica-se a ensinar o melhor emprego e distribuição do tempo; o papel da *regularidade* no desempenho das funções domésticas e o papel do *aperfeiçoamento moral* para a mulher. Para impressionar a leitora, Mme. Hippeau, neste item, apresenta o *Plano de Vida imaginado por Benjamim Franklin*, o qual “*no intuito de cooperar para o seu aperfeiçoamento moral, reuniu doze títulos de diferentes virtudes, formulando as obrigações que julgava dever ter a si mesmo para adquiri-las: temperança, silêncio, ordem, resolução, economia, trabalho, sinceridade, justiça, moderação, asseio, tranqüilidade, humildade*”.

O terceiro capítulo aborda questões relativas às *condições de ordem e regularidade; consequências necessárias de um bom emprego do tempo; como aproveitar o tempo*, ou seja, “*cada afazer a seu tempo e cada coisa em seu lugar*”. Explícita como noção básica a necessidade de ordem/organização e de racionalização do tempo e do espaço, considerada condição básica para o progresso da família e, conseqüentemente, da sociedade. Uma carta de Maria Tereza da Áustria serve para exemplificar à leitora o que o capítulo pretende enfatizar.

O capítulo quatro e cinco tratam do tema *previdência* _ necessidade de dirigir uma casa sob o ponto de vista do futuro. Para tal, é necessário inculcar na leitora a importância do hábito de observação e de reflexão para

“comprar com prudência e circumspecção para poder comprar bem”. Assim, para a autora a leitura constante é condenada, pois a mesma “*não contribui para o aumento da graça, da frescura e da vivacidade da juventude, mas concorre para essas formas aéreas, palidez interessante e olhar amortecido*”. Nesse sentido, enfatiza os trabalhos de agulha como um elemento da vida doméstica e como uma *indústria produtiva*, podendo deles tirar lucros.

Nesse capítulo, Ferreira faz uma ressalva quanto à realidade brasileira, a partir da Lei do Ventre Livre (1871) e quando da extinção do trabalho escravo, o que decorrerá novos encargos para a dona-de-casa. Os filhos de mulher escrava, nascidos após a lei, seriam livres e ficariam até idade de oito anos em poder dos senhores de suas mães, os quais deveriam educá-los. Para tanto, seria necessário “*procurar por um bem pensado método de ensino doméstico para dar uma educação simples e proveitosa a essas crianças que a lei e a sociedade confiaram à sua guarda*”. Nesse sentido, o tradutor denuncia a ausência de escolas domésticas, “*onde se eduquem convenientemente bons e leais servidores, onde se infundam os mais sãs princípios de moral, base primordial da educação familiar*”. Assinala a iniciativa do Padre Siqueira Andrada que instituiu e dirige o Colégio Doméstico de N. Sra. do Amparo, “*onde são recolhidas orfãs desvalidas para em tempo serem empregadas como criadas; que pela instrução que recebem e os princípios de moralidade em que são preparadas, prometem vir a ser exemplares servidoras dignas de toda a proteção e estima*”.³¹

O sexto capítulo, sob o título *A Reciprocidade na Família*, trata das relações entre pais e filhos; a educação da moça solteira e suas relações com os demais membros da família; o papel de esposa; a dedicação feminina. Nessa perspectiva, Mme. Hippeau ressalta o papel exemplar da mãe para sua filha, a qual desde cedo deve compartilhar das atividades domésticas, - “*uma moça solteira bem educada não pode ver sem partilhar a existência laboriosa de sua mãe*”.

O capítulo sétimo enfoca questões relativas à profissionalização da mulher, entendida como o desenvolvimento da *inteligência nos negócios* e de racionalização de suas funções domésticas. Nessa perspectiva, a obra aborda a aplicação do trabalho feminino na agricultura - *a missão da mulher na roça*, na indústria, nas belas artes, no ensino. A perspectiva profissionalizante da mulher destina-se àquelas de classe popular, alunas do Liceu de Artes e Ofícios, as quais deviam ser preparadas para melhor servir à sociedade. Ênfase maior, nesse capítulo, será dada à profissão Magistério,

31 Sobre a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, ver: ALMEIDA, J.P. de. A História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889). p. 265.

a qual exige maior soma possível de prendas e virtudes. Nesse assunto, Ferreira expõe suas idéias: *“a professora é a um tempo mãe, dona de casa e instrutora; tríplice missão de maior alcance moral, cujo desempenho é a pedra de toque de todas as virtudes domésticas. À grandeza e à elevação de pensamento, à distinção e elegância das maneiras, à dignidade de caráter, deve aquela que se destina ao Magistério, juntar a arte de bem mandar e dirigir, de impor obediência, atrair simpatias, infundir afeição em suas discípulas. A todas essas qualidades deve ainda acrescentar uma inteligência superior, uma educação cuidada, variedade de conhecimentos, aptidão para os mais simples misteres, para um tempo ser modelo e mestra”*. Esse discurso de idealização do professor na representação da docência tem sido recorrente na história da educação, principalmente no que se refere à ser o caminho *natural* de destinação da mulher no espaço público.³²

O capítulo oitavo destina-se a informar à leitora sobre questões relativas à *higiene pública e privada*, tratando temas como habitação, vestuário, alimentação, banhos, bebidas, distinção de temperamentos, todos abordados na perspectiva privada. O ensino das noções de higiene³³ preconizava que a aluna, ao adquirir os hábitos *sadios* de higiene, estenderia-os à sua casa, à sua vida doméstica, ou seja, toda a família seria educada e disciplinada. Nesse período, o discurso que vincula insalubridade e ignorância é recorrente entre aqueles que denunciam o atraso da sociedade e a necessidade de regeneração do país pela educação e pela ciência como sinônimo do progresso.³⁴ Ferreira recomenda às leitoras a obra de *“um escritor moderno francês sob o pseudônimo de Aistides Roger, que escreveu um excelente livrinho com o título de Serões Instrutivos, que foi traduzido pelo Sr. Lino d’Almeida”*.

O capítulo nono e décimo abordam assuntos relativos à *educação utilitária* da mulher, ou seja, temas referentes ao dinheiro, ao orçamento da receita e da despesa - *governo da casa do ponto de vista econômico*, ao emprego do dinheiro (despesas necessárias, despesas inúteis, despesas com

32 BASTOS, M.H.C. e COLLA, A.L. Retratando Mestres: a idealização do professor na representação da docência. In: Gondra, J. (org). op. cit. p.91 a 98.

33 No Programa do Ensino Secundário do Imperial Colégio de Pedro II, para o ano de 1882, é incluído no sexto ano noções de Higiene, no Programa de Ensino de História Natural e Higiene. É recomendado o estudo de sua definição, objeto e importância. Estudo dos modificadores higiênicos, demonstrando sua ação psicológica e patológica sobre o homem. Noções higiênicas relativas aos meios aconselhados para salvaguardar a saúde do homem. O livro de Higiene indicado é o de Lacassange. VECHIA, Ariclê e LORENZ, Karl M. Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira (1850-1951). Curitiba: Ed. do Autor, 1998. p. 105.

34 Sobre este tema, ver: HERSCHMANN, M. e outros. Missionários do Progresso. Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro (1870-1937); ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores. Saber médico e substituição no Rio de Janeiro (1840-1890); CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial; GONDRA, J. G. Conformando o discurso pedagógico: a contribuição da Medicina.-

ostentação), ao trabalho como gerador de riqueza, máximas econômicas. O objetivo central deste capítulo é a exaltação do trabalho, em que o tradutor alerta à leitora sobre a indolência no Brasil, afirmando que *“triste é dizê-lo, e bem custa aqui consigná-lo; (...) a indolência é o maior inimigo da felicidade doméstica e da prosperidade da Nação. O Brasil não precisa tanto de imigração como de uma lei, embora anti-constitucional, que obrigue os vadios a trabalhar”*. A ciência do bom Ricardo (David Ricardo) é lembrada para ensinar cientificamente a leitora a comprar, pois *“a boa dona de casa é aquela que sabe tudo prever e providenciar, sabe equilibrar a receita e despesa”*.

A boa dona de casa, como sinônimo de mulher econômica, contribui com a família para a *arte de enriquecer*, é a temática de outro capítulo, na perspectiva de condenação do luxo, das despesas com ostentação, das fortunas rapidamente dilapidadas, das manias dispendiosas, do hábito das loterias no Brasil. O texto destaca a mulher que vive para o lar, condenando a mulher que vive para a sociedade, considerada dissipadora de fortunas.

A obra está repleta de exemplos de mulheres pródigas de virtudes, espelhando a imagem ideal de mulher que a leitora deveria privilegiar como modelo. O capítulo décimo segundo destina-se especialmente a apresentar mulheres célebres _ modelos a serem imitados, tais como Ruth, Judith, Joana D’Arc, as heroínas de Tejucupapo, as Espartanas, Sra de Maitenon, Sapho, Stael, Sra. de Sévigne, Jorge Sand, Sra Stowe, Sra Campam. As brasileiras destacadas por Ferreira são: D. Clara Camarão, pelo papel desempenhado na invasão holandesa; Damiana Cunha (índia); Maria de Siqueira; Anna Nery; Joana Gusmão; Francisca Sandi; Maria Úrsula Lencastre. Nas letras brasileiras são citadas Nísia Floresta, Maria Ribeiro, Dorotéia de Seixas Brandão, Delphina da Cunha, Amalia Figueiroa, Josephina Pitanga, Narcisa Amalia.

No último capítulo do livro, o tradutor faz apologia da filantropia, da caridade como uma atividade para qual as mulheres brasileiras de fortuna deveriam dedicar-se. Para ele, *“a instrução é a maior das esmolas, ensinar ignorantes é uma grande obra de misericórdia”*. Apresenta uma extensa lista de instituições, na qual destaca aquela à qual destina a presente obra - *Sociedade Amante da Instrução* (1831): *“é a mais antiga de todas as nossas sociedades filantrópicas e, também, a de mais elevada missão. Seu fim é recolher orfãs desvalidas, criá-las, instruí-las, doutriná-las, mante-las enfim até que encontrem esposo digno de possuí-las. A educação dada é a mais cuidadosa possível, não se limita a simples noções de leitura e escrita, mas a um verdadeiro curso literário, artístico e doméstico, que faz de cada aluna uma perfeita dona de casa”*. Para Ferreira o destino natural da mulher

é o casamento _ para isso *Noções de Vida Doméstica* cumpriria sua função de *formar a perfeita mãe de família e dona de casa*.

Concluindo

A análise do livro de leitura às aulas do sexo feminino - *Noções de Vida Doméstica*, como discurso fundador da disciplina *economia doméstica* na escola brasileira, possibilita conhecer a imagem modélica forjada pela *ilustração brasileira* - traduzida por uma voz masculina, para a educação da mulher, que pretende fazer *de cada aluna uma verdadeira dona de casa*. Nessa perspectiva, os conteúdos privilegiados visam prepará-la ao espaço privado, ou seja, à *tecnologia e administração do lar, ao saber-fazer doméstico, ao ideário da racionalização da rotina, ao uso adequado do tempo, do espaço e dos recursos*.³⁵

A educação da mulher vincula-se a um discurso modernizante da elite brasileira, no entanto, o ensino a ela destinado reforça uma visão conservadora de mulher, restrita ao espaço doméstico. Essa obra, mesmo destinada às *classes menos abastadas*, privilegia a formação de *rainhas do lar*.

A obra escrita por uma mulher - Mme Hippeau, traduzida e adaptada à realidade brasileira por um homem - Félix Ferreira, ao multiplicar as vozes no texto, dá maior legitimidade à voz feminina européia.

35 OLIVEIRA, Suely T. op. cit. p. 52.